

Essencialmente Machado de Assis, segundo a crítica de Sílvio Romero.

SANTOS, Eduardo Rosário

eduardo.usa@ig.com.br

GUERREIRO, Rejane da Costa

rejane.cguerreiro@hotmail.com

Silveira, Roselaine Maria Henriques

honeyrose@bol.com.br

Guimarães, Joaquim Francisco Soares (orientador)

Graduado em Letras Português, Especializado em Gestão administrativa. Professor da

Universidade Tiradentes - UNIT

joaquimsoaresguimaraes@ig.com.br

RESUMO

A crítica Romeriana ao escritor Machado de Assis, é feita através de embasamento teórico real-naturalista, o qual vai expressar a visão de parâmetro ideológicos e sociológicos nacionalistas, que irão inserir valores, para caracterizar o sujeito em sua literatura, gerando por assim dizer polêmicas, pois essa crítica é feita ao número um da Academia Nacional de Letras Brasileira. Os fatores a serem analisados nesse estudo em debate serão: a iniciação da autonomia literária brasileira; a linguagem formalista machadiana e sua subjetividade e contexto histórico-cultural-sociológico brasileiro.

Sendo, portanto o século XIX, o século do descobrimento do Brasil pelos brasileiros, segundo José Almiro do Alencar. Porém, visualizado em três aspectos: manifestações de uma linguagem nacional; o desenvolvimento na historiografia nacional e a construção e evolução de um novo sistema político.

Assim como a crítica, a psicologia usada por Sílvio Romero é embasada nos aspectos etnográficos e geográficos do povo brasileiro, constituindo uma maior valorização cultural enfocando a mestiçagem racial existente no Brasil. No entanto, a crítica a esse polêmico

escritor, vai encadear uma série de estudos, os quais foram de grande contribuição para a história da literatura brasileira.

Portanto, o assunto em debate é a representação inserida por Machado de Assis em suas obras, através de um contexto sociológico e da elaboração estilística do autor. Tendo sua maior representação no romance *Brás Cubas*, marco de sua transição realista. No qual se faz uma análise da conjuntura social da época.

Palavras-Chave: Autonomia Literária, Subjetividade, Historiografia.

INTRODUÇÃO



www.aindamelhor.com/imagens

A apresentação deste artigo tem por análise a pessoa de Machado de Assis, a partir de suas obras literárias, que são vistas pelo crítico e historiador Sílvio Romero, como romances de transição, os quais possuem características românticas e realistas ao mesmo tempo, além de possuírem uma linguagem própria, que faz com que as obras machadianas sejam vistas com destaque pela crítica geral, embora lhe faltem essencialmente características de sua brasileiridade, fator esse que poderia ser sujeito em sua literatura, com a junção de sua estilística.

A vida machadiana é marcada, a partir de sua maturidade por sucessivas ascensões atingindo o ponto máximo de diretor do ministério da administração, mas o casamento com a portuguesa Carolina Novais é para a sua ascensão social o marco, que daria ao escritor uma espécie de passaporte de entrada para a sociedade do segundo reinado.

O crítico Sílvio Romero, a partir de sua visão darwiana, para a literatura brasileira, visão essa que vai expressar parâmetros ideológicos e sociológicos nacionalistas, que irão inserir valores, para caracterizar o sujeito em sua literatura. Assim sendo, a crítica machadiana feita por Sílvio Romero vai polemizar justamente aquilo que Machado faz tão bem, a sua estilística, embora sua autonomia lingüística sejam-lhe favorável em suas narrativas, é fator para tal crítica, visto que o universalismo europeu que Machado utiliza tão bem, em suas obras, é barreira para declara o sujeito de sua literatura.

A estilística machadiana é o que o faz grande, sendo essa de maneira caracterizada pelo seu formalismo europeu, em um plano subjetivo, no qual Machado tenta inserir temáticas brasileiras, mas está preso ao seu formalismo, além do seu espírito ser genuinamente europeu, sendo assim partimos principalmente da análise pela qual é conduzida, além de toda sua forma. Pois quando se busca a essência de brasileiridade em suas temáticas é como se faltasse alma, espírito, ou seja, a sua subjetividade vai colocar em discussão o contexto histórico e sociológico com sujeito de nossa literatura, que a partir desse período busca-se, mas profundamente uma identidade nacionalista, justificando-se assim a crítica romeriana à literatura de Machado de Assis.

O objetivo geral desse estudo tem por finalidade a crítica machadiana que mesmo tendo se empenhado em suas análise psicológica, é visto pelo crítico Silvio Romero com um estrangeiro, diante a temas tão genuinamente brasileiro, podendo-se detalhar esse objetivo principal, a partir de questionamentos, quanto à falta de expressividade nacionalista e descrição, na literatura universalista que vai trabalhar o espírito literário através do discurso histórico-sociológico de Sílvio Romero; Análise do processo de auto – definição literário brasileiro, como sujeito da literatura, que é vista por Sílvio Romero como fator distintivo para identidade literária brasileira; polemizar o estilo machadiano, devido ao cunho pessoal e de sua índole psicológica indecisa, que se reflete em suas narrativas; identificar e questionar a partir se suas obras, que faz Machado de Assis, para merecer o título de maior escrito do país.

A análise da sociedade do segundo reinado é vista, a partir de um vazio existencial da época, pois o que era vivido culturalmente com ideal vinha da Europa. A mimese também acontecia na vida real, com isso, a literatura que obedecesse aos padrões clássicos da época era vista como uma literatura infalível, não sendo essa a visão romeriana, trazendo a tona

várias questões que polemiza esse estudo, sendo assim apresentado as seguintes questões, como a contribuição histórica e folclorista aplicada, por Sílvia Romero que aproximam a crítica a história, com a missão de construção da nacionalidade ou seria melhor brasileiridade literária? Os fatores deterministas na crítica de Romero, prestam conta de toda e qualquer interpretação da história cultural do país? O isolamento machadiano, na literatura brasileira é reflexo de sua individualidade pessoal? As obras machadianas refletem a boa sociedade do segundo, caracterizando-se assim com literatura ariana?

Assim sendo, o desenvolvimento desse estudo de pesquisa foi feito, através de embasamento bibliográfico, que teve como busca identificar respostas para dúvidas, quanto a crítica romeriana, a literatura machadiana. As análises se baseiam em estudos de algumas obras, nas quais se identificam questões históricas – sociológicas da época, em favor da análise determinista de Sílvia Romero. A reconstrução dessa análise foi conduzida, através de pesquisa histórica e bibliográfica, do ambiente social e societário, ao qual a crítica geral só avalia como reconstrução biográfica, esquecendo-se ou rejeitando-se a análise social histórico, na qual Machado de Assis reflete, por assim dizer o seu “ilhismo” ou isolamento.

A fundamentação teórica desse estudo teve como ponto de partida o determinismo em âmbito espiritual e cultural de um povo, no qual se compreende a evolução histórica do contexto literário brasileiro, diante a análise do historiador e crítico Sílvia Romero, que tem como base o seu “Compreendido da Literatura Brasileira”, que pretende como já foi dito, analisar aspecto da literatura brasileira, pois a visão romeriana tem por fundamentação o determinismo de um povo, não admitindo que influências externas determine em âmbito espiritual a cultura desse povo, embora seja esse um fato difícil de ser evitado.

Em oposição ao romantismo, o real – naturalismo tinha as seguintes características opostas: objetividade versus subjetividade; imaginação versus realidade circundante; sentimentalismo versus razão e inteligência; verdade individual versus verdade universal; fantasia versus fatos empíricos; teocentrismo versus antropocentrismo.

Na sociedade civil, principalmente a urbana da segunda metade do século XIX, havia um forte sentimento oposicionista, que tomava conta de diversos setores sociais, assim como a invasão de novas teorias de interpretação da realidade, como o positivismo, socialismo científico e o evolucionismo. Vários fatores determinantes marcaram o contexto da sociedade da época, como a guerra do Paraguai que após o seu término, é fundado o partido Republicano, com isso acontece à queda da monarquia; em 1850 foi iniciada a campanha abolicionista, que vai ter seu cume com a Lei Áurea, em 1888; fim do trabalho escravo, que é substituído pelo trabalho a salariado; vinda dos imigrantes para a lavoura de café; o Brasil passa a ter uma maior autonomia econômica sem influência colonialista.

Segundo José Almiro de Alencar, o século XIX foi o século do descobrimento do Brasil pelos brasileiros, sendo está descoberta de forma nacionalista, visualizada por três aspectos, que embasaram esse mesmo nacionalismo tão buscado por Silvio Romero. Os aspectos são: a) manifestações de uma linguagem nacional com a publicação de *Compreendido da Gramática da Língua Nacional* de Antoni Alvares Pereira Curuja, em 1835 e vai culminar com a obra de José de Alencar e suas discussões. b) a urgência e o desenvolvimento de uma historiografia nacional, através do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado em 1838, e das obras de Von Martins (*Como escrever a Historia do Brasil-1840*) – Vornhagem e João Capistrano de Abreu; c) a construção e evolução de um sistema político administrativo incluindo também o esforço de consolidação da unidade nacional

desenvolvida pela coroa, além do funcionamento contínuo do parlamento e dos partidos políticos dentro de um regime no qual garantiria ampla liberdade de expressão.

Novas idéias invadem o Brasil, assim como os imigrantes, as influências realistas que se opunham ao romantismo e ao seu subjetivismo, eram cultivadas pelos democratas e intelectuais da época. No nordeste surge em 1870 uma geração formada por intelectuais a qual pertencia Sílvio Romero, que com seus estudos polemizou a sociedade, com seu discurso ideológico – naturalista.

Sílvio Romero influenciado pela teoria de Comte e Taine, atesta o óbito do romantismo, revelando assim sua posição real – naturalista, através principalmente de seus estudos histórico – sociológico e de suas críticas literárias. Nas quais, se destaca o escritor Machado de Assis, que embora tenha revolucionado a literatura brasileira, na visão romeriana era um escritor incompleto, pois apesar da complexidade, do psicológico e da lingüística que utilizar em suas narrativas, para Sílvio Romero lhe falta algo, como espírito ou seria tempero? Algo que lhe acrescentasse, ou que desce liberdade as suas narrativas.

Suas narrativas se dividem em duas fases, sendo que Machado em sua primeira fase é um autêntico romântico, mesmo vivendo um período de mudanças ideológicas e sociais, o que faz gerar polêmicas a seu respeito, pode verificar isso em seu romance “Helena” (1876), sendo esse o mais romântico de todos os seus romances da época. Entretanto, podemos ver cinco anos mais tarde, que dar-se início a fase de transição machadiana, com o romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), o qual vai possuir características realistas, porém limitado em seu desenvolvimento, com se houvesse um crise existencial entre o autor e sua narrativa formalista, que ainda castra a sua liberdade, pois, para Romero o autor ainda não

tem o sujeito de sua literatura, ou seja, falta-lhe gênese e a sua literatura é imobilizada pela visão do segundo império.

A visão romeriana resulta da aproximação de várias ciências experimental e positivista, que vão esquematizar o pressuposto sociológico (determinismo do meio e do momento histórico) e leis biológicas (determinismo de herança ou raça), fatores que influenciam na literatura moderna, a partir de estudos de alguns teóricos como Antonio Candido, Alfredo Bosi, José Veríssimo, Afrânio Coutinho, Sergio Buarque de Holanda, Luciana Stagagno-Picchio e outros que se destacam devido a sua importância como interprete dessa literatura em questão.



www.aindamelhor.com/imagens

Assim como a crítica, a psicologia usada por Silvio Romero, era também embasada nos aspectos etnográficos e geográficos do povo brasileiro, levando em consideração a mesma mestiçagem racial, a qual estava inserida a busca da valorização cultural,

que era vista com vulgar, sendo que a nossa identidade em vigor na época, assim com hoje, estava ligada a um modelo ariano, no qual Machado de Assis é o número um, no Brasil, sendo possuidor de características tão questionadas por Silvio Romero em seu estudo comparativo, embora não lhe fosse cobrado tal direito de negação dessa cultura, pois não se questiona esse direito, mais somente a verificação de que o mesmo, em suas obras, não faz uso da busca da identidade nacionalista brasileira e sim continua em face a uma literatura estrangeira, que nos ensinou muito, mais a quem teríamos de cortar o cordão umbilical, não com ato de negação mais com filho que completa a maior idade e busca o seu caminho.

Portanto, o assunto em debate tem sua representação inserida à literatura européia, que embora tenha dado uma vasta contribuição à literatura brasileira, nota-se a existência de fatores nocivos que podem ter um efeito generalizador diante ao contexto histórico-sociológico. Pois, quando Sílvio Romero destaca Machado (Silvio Romero, 1906 p.281) "como genuíno representante da sub-raça brasileira cruzada.", a crítica é forte, pesada, porque o mesmo representa uma raça submetida às influências alheias, sem identidade ou autonomia. A crítica além de direta é universal, a uma sociedade que se deslumbra com o que o outro é e se contenta em refletir a imagem do outro e não busca a sua própria imagem.

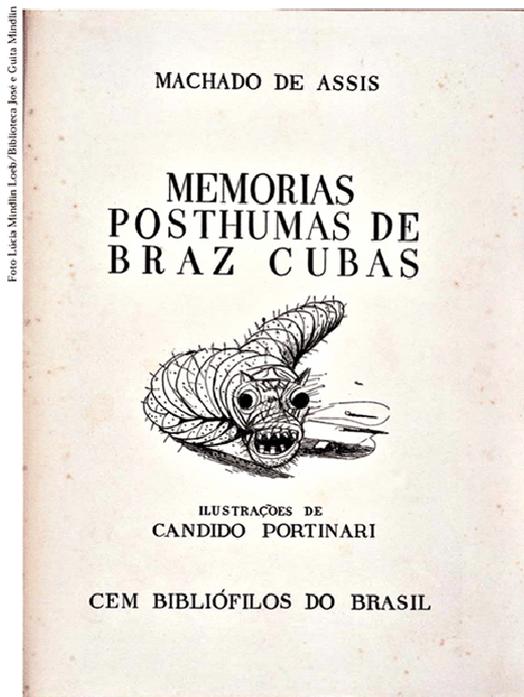
ESSENCIALMENTE MACHADO DE ASSIS, SEGUNDO SÍLVIO ROMERO

O escritor Machado de Assis ao longo de sua vida, sempre despertou de muitos intelectuais, a atenção, pois suas obras geraram polêmicas, mesmo sendo essas uma crítica a sociedade da época, os métodos utilizados na elaboração estilística vai de encontro a toda e qualquer crítica, pois a linguagem machadiana é toda ela universalista, assim como tudo a que era relacionado a história intelectual da época, gerando assim um dos maiores embates da crítica literária do Brasil.

Durante este período várias mudanças aconteceram no Brasil, as quais foram anteriormente apresentadas, durante o ano de 1870, como: a fundação do partido Republicano, a criação da lei do ventre livre, a vitória do Paraguai, o que vai dar força a consolidação, na qual a geração de 70, que buscava, por ser uma oposição política e intelectual, o combate de ordem radicalista, com base católica, hierárquica e romântica. As mudanças ocorridas na época conjuntas com as idéias dos intelectuais dessa geração, em âmbito nacional e mundial,

vão gerar uma divisão de águas, ou seja, uma oposição à crítica a Machado de Assis. Pois os romances machadianos meios românticos e realistas, além de sua linguagem eclética, se contrapõem aos interesses histórico-sociológicos da nova geração, os quais foram confundidos por interesses políticos, embora todo homem seja um ser político.

Silvio Romero tinha sua origem em uma camada social senhorial, não diria decadente como muitos, mas em declínio pela economia da época, pois os acontecimentos da década de 1860, anterior a de 70, dão ao período um tom crítico e de busca de identidade, sendo difícil à aceitação de uma literatura plácida e subjetiva, embora essa literatura possuísse um tom de crítica social.



Folha de rosto de Memórias Póstumas de Brás Cubas. Edição dos Cem Bibliófilos do Brasil.

O romance de Brás Cubas, o marco da transição machadiana, é um exemplo de uma literatura crítica a sociedade, fazendo uma análise, de certa forma, inteligente, embora o foco narrativo não lhe desse total liberdade de análise em uma conjuntura social, mas sim, o foco do “eu” indivíduo, ou seja, do subjetivo, assim com toda literatura e pessoa de Machado de Assis. O mérito machadiano de maneira nenhuma é diminuído, mas podemos verificar que a identidade literária do autor, é toda ela universal, sendo essa visão para muitos críticos um ponto positivo para literatura machadiana, o que vai lhe abrir muitas portas para literatura universalista. Porém, a crítica romeriana é feita através de embates sociais da época, o que diria ser algo muito coeso e coerente, pois o contexto histórico-sociológico era favorável ao pensamento de Silvio

Romero, no entanto nessa época verifica-se que as letras eram algo superior, mas o que são as letras sem o espírito, sem alma, sem sua gênese?

Muitos diriam que tudo, porém a análise feita por Romero é discordante e avessa, porque os seus estudos etnográficos comprovam que mesmo sem ser escritos e publicados muitos de nossa cultura oral resistiu e resiste ao tempo, assim como muitas literaturas clássicas universais. O que teria feito isso acontecer às letras ou o espírito de um povo que insiste em não se calar? Assim como Sílvio Romero, mesmo que essa crítica seja feita ao número um da literatura brasileira.

Segundo alguns pesquisadores as relações entre letras e espírito são feitas da seguinte maneira: a letra é o sossego e o espírito as inquietações, ou ainda, as letras é a norma, a lei e o espírito a dúvida, a ciência, a filosofia, que não param. Porém, como pode uma sociedade ou mesmo um indivíduo acreditar que a letra é tudo, afinal todos somos um “eu” individualizados para que se pense da uma mesma forma, além do que, o homem é corpo e alma, não existindo assim separação, só quando se morre, pois sem alma o homem é frio, plácido, um defunto, um ser sem luz.

A geração de 70 não para nas letras, mas vai além da ciência, sociologia, política e de sua própria história e suas relações. “É mister ir além: descortinar o homem atrás do livro e a sociedade através do homem. Cada escritor é um centro de força, além de uma resultante; como centro de força, age como causa e fator de diferenciação e progresso; o resultante, é um efeito do meio dado, de um grupo do agregados a que pertence. (ROMERO, 1888., p.79)

O nacionalismo de Sílvio Romero tem um caráter etnográfico, social-histórico e científico determinista, com base na representação do povo brasileiro através de sua origem, ou seja, a partir de sua gênese e histórico-sociológico, enquanto que Machado dedica-se apenas com o fator social e lingüístico, faltando maior atenção à essência do povo brasileiro. Retirando, portanto, ofensas pessoais de Sílvio Romero à pessoa de Machado de Assis, as quais não vão contribuir em nada para com o nosso estudo, podes se dizer e tão somente dizer, que elas são equivocadas e negativas, mas o que não tira a profundidade de tal análise.

Romero um homem de “espírito” à flor da pele e Machado o homem das “letras”. Sendo assim, para Romero difícil aceitar a negação de Machado ao momento histórico, tão importante para sociedade brasileira, embora lhe fosse direito, mas para Sílvio Romero, isso além de ser inaceitável, era um desafio que por muitas vezes lhe fizera perder a razão com ofensas pessoais. Porém, o que nos interessa são as teorias científicas e as análises feitas a partir de seus estudos que são de valiosíssima contribuição para com a história e sua identidade brasileira.

Machado, embora oriundo de uma classe proletariada, é um fiel representante e crítico da elite, em termos literários, sendo, no entanto, essa mesma classe que o irá consagrar a sua ascensão em todos os sentidos. A representação da elite, assim como ela, está em ascensão, considerando o deslumbramento da época pelo mundo irreal ou mítico, poderemos então relacionar assim, Machado e suas retóricas sobre uma sociedade branca, que embora criticasse o elegia com fiel representante, renegando assim uma filosofia que lhes mostrava a realidade, com um espelho. Portanto, o que se nota são equívocos de ambas as partes e relações, pois tanto as letras quanto o espírito são fundamentais para formação da nossa literatura.

A condição de Machado de Assis o fez ser um marginalizado socialmente, o que é uma atitude errada e incoerente, embora também não se possa condenar ninguém por nascer estabelecido socialmente e nem por ter aspirações políticas, porém a análise em observância é “o espírito de uma sociedade pode ser refletido em sua literatura, mesmo que esse espírito seja considerado menor universalmente, ou isso é dispensável?” A análise em questão é de fundamental importância, pois os estudos romerísticos mostram a riqueza da nossa singela cultura, que embora não tenha por nós, brasileiros, a devida valorização, hoje é reconhecida e aplaudida mundialmente. Podemos então constatar que o preconceito inicial de termos uma cultura, dita, “menor” por a pertencermos a raízes negras e aborígenas, é primeiramente incorporada por nós, que não assumimos nossa identidade genética.

A literatura não é apenas um simples estudo da sociedade, pois o ser humano é muito mais do que contexto histórico, sendo, portanto também a junção de contexto social, cultural, estético. Porém, assim como é difícil renegar as influências herdadas pela cultura branca dos portugueses, é impossível, também desvincular as outras culturas. As quais, conjuntamente com a branca se fundem e geram uma nova sociedade, com um novo perfil histórico-sociológico, não idealizado, mas concreto e real. Sendo, está sociedade literária sujeito as influências do quinhentismo português; do teatro popular de Gil Vicente; do estilo camoniano; do seiscentismo peninsular com o seu cultismo e conceitismo e tantos outros, que não só da cultura portuguesa, que nos invadiram e geraram mudanças comportamentais, estruturais, sociológicas, históricas, políticas e emblemática, gerando assim um novo contexto cultural e estético.

A medida que esta fusão ia se desenvolvendo, os escritores brasileiros do século XIX exprimem um sentimento de antiluso, no qual se verifica como temática escolhida como

tema-símbolo do Brasil, “o indianismo”, porém, mas tarde esta representação se difere para a cultura popular; folclore e regionalismo, buscando com isso uma nova emblemática. A figura indígena, em primeiro lugar assume a representação idealizada do homem brasileiro e conseqüentemente surgiram o sertanejo e o caboclo, dando com isso mais autenticidade as temáticas brasileiras.

Com isso, a literatura brasileira deixava de ser mimese e assumia gradativamente uma postura de independência, como povo e como nação, no entanto esta autonomia modifica valores, morais; étnicos; religiosos; políticos; culturais; econômicos; históricos, assim como sociais, contribuindo com isso para a firmação dessa mesma autonomia. Podendo então consolidar o processo de independência literária brasileira, que é todo ele uma junção de culturas e contribuição, não só oriunda de uma cultura, mas de várias outras, que participaram igualmente para o processo de desenvolvimento literário brasileiro. Não podendo, portanto atribuir acertos e erros, os quais são ensinamentos para o processo, pois os erros também são fontes de ensinamento, desde que, aprendamos a não repeti-los.

O pensamento crítico nesse período é firmado como gerenciador dessa cultura, a qual é bastante criticada por não possuir valores clássicos universais, mas apenas lhe é atribuído valores considerado menores, porém com o início da literatura “realista” machadiana esse conceito gerenciador é gradativamente desconsiderado, pois como fator isolado, Machado, vai gerar conflitos quanto às idéias e pensamentos que são o início de uma considerada autonomia brasileira, pois Machado com sua literatura para letrados, com valores clássicos universalista, vai de encontro a todas as teorias da época, embora tenha contribuído imensamente para conceitualizar a nossa literatura em âmbitos universal.

A literatura machadiana tem caráter subjetivo, passando sua visão pessoal dos acontecimentos, além de um humor debochado e confuso, quanto à sociedade elitista, traduzindo essa com uma classe em ascensão, em busca de destaque. Sendo, essa a temática escolhida por Machado para suas obras, não se desviando em nem um momento para as outras demais temáticas, as quais eram consideradas a representação idealizada do homem brasileiro. O isolamento machadiano é assim criado, como sua própria literatura, assumindo assim sua subjetividade pessoal.

Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro



Sívio Romero, reprodução do desenho de J. Carlos.

A falta de efusão temática são motivos para as críticas geradas por Sívio Romero, embora as obras machadianas sejam verdadeiras obras de arte, o autor narra e avalia as suas interações a partir de seu ponto de vista, induzindo e persuadindo o leitor a não fazer suas próprias considerações. Porém, verifica-se que a riqueza literária machadiana é e foi capaz de superar a falta existencial literária real-naturalista, dentro das normas estabelecidas pela estética, pois sua literatura possuía uma linguagem de bom cunho e elementos poéticos; combinações de elementos diversificados como antíteses, gradação, que valoriza a sua textualidade; análise psicológica, embora a mesma não buscasse definir e nem compreender, o que é típico de Machado, pois a única certeza que temos em suas análises é a incerteza, o impreciso, ou seja, a dúvida, não sendo essa uma maneira realista de fazer literatura.

Portanto, ler Silvio Romero como diria Antônio Candido, é algo que precisa ser feito com bastante espírito crítico, sem se deixar levar pelas emoções de seus juízos, pois Romero é a própria emoção, sem meias palavras. O estudo romeriano é de grande contribuição, assim com a literatura machadiana, para a literatura brasileira. Sendo uns dos primeiros a focalizar a fusão africana, e a importância dessa mestiçagem para a formação cultural brasileira. Pois, para Romero a análise de uma obra é feita através da ciência, na qual as leis científicas apresentam a essência transmitida por um povo, ou seja, existe a mensagem escrita e a emocional, que fala a alma enquanto a mensagem escrita falar ao raciocínio humano. Portanto, o que podemos diferenciar entre ambas as situações é que o realismo machadiano procura retratar o homem e seus conflitos emocionais, enquanto que o naturalismo romeriano procura focalizar o homem como produto do meio, raça e momento, gerando assim comportamentos e situações específicas.

Em suas análises, Romero comete muitos equívocos de gênero pessoal contra a pessoa de Machado de Assis, porém a profundidade dos seus estudos determinista é de extensa importância e contribuição, em suma, ele buscou incansavelmente a diferenciação entre autores brasileiros, diante do processo de nacionalização. Pois, suas análises levam em consideração à temática, caracteres, além da descrição, tido sempre relacionado ao embate histórico-sociológico, deixando “a parte”, de certa forma, o estudo formalista lexical, não como desleixo, pois em sua literatura, o fator lexical fazia parte do meio, o qual incorporava os falares populares do povo e nossa cultura, enquanto, que Machado homem das letras, apreciava a formalidade universalista, que o vai distinguir dos demais autores da época, provocando, por assim dizer, o turbilhão Sílvia Romero.

Pois Machado em seu mundo construiu sua literatura independente do contexto histórico-sociológico da época, procurando sempre andar de mãos dadas com a formalidade,

tanto em sua vida como na literatura, pois segundo Romero, ele não podia nunca dá um passo em falso, pois o seu formalismo não o deixava que o mesmo discorresse naturalmente. Pois para Sílvio Romero, Machado de Assis era “... plácido e igual uniforme e compassado sente-se que o autor não dispõe profundamente, de espontaneidade, do vocabulário da frase, vê-se que lhe apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da linguagem”. (ROMERO, p. 284-285. 1868)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a proposta deste artigo é a compreensão ou reconhecimento da literatura brasileira, a partir de suas nuances, que nos leva a vários contrastes, os quais lhe fazem bela, pela sua diversidade, pois apenas apresentar uma literatura branca, e negar a contribuição dos negros e índios, os quais foram, assim como a cultura branca, de altíssima importância para a caracterização da literatura brasileira, a qual possui temas genuinamente brasileiros, em contextos folclóricos e social-históricos.

A proposta seria representação do sujeito da literatura brasileira, visto que, esse sujeito é a fusão de três raças distintas, o colono português; o negro africano; e o índio nativo, sendo esse último à representação do homem natural. Embora, cultura européia por muito tempo submetesse as demais, essa fusão nunca deixou de acontecer, e se fez estabelecer, embora ainda existam muitos preconceitos como: lingüísticos; sociais; políticos; econômicos; e muitos outros. Mas o que importa e que novas possibilidades são apresentadas a nossa literatura que se auto-avalia e se desenvolve através de sua cultura, que no passado foi tão discriminada, porém hoje mesmo com uma sociedade em fase de desenvolvimento em vários âmbitos, é possuidora de uma identidade, que assume suas dificuldades e anseios, através de

personagens lúdicos e míticos do nosso folclore, como: “Macunaíma” de Mario de Andrade; “Jeca Tatu” de Monteiro Lobato; ou mesmo a representação social como “Os Brunsundangas” de Lima Barreto.

Autores esses, que contribuíram também para a literatura brasileira, assim, como Machado de Assis com sua forma lexical subjetiva; e também Sílvio Romero com sua historiografia e crítica, o que importa, no entanto não é o que cada um fez ou pensa, mas no que nos transformamos e somos, pois, mesmo na Literatura de Informação, já se assumia um caráter novo, com traços culturais alienígenas, mesmo que essa literatura fosse toda ela escrita por um povo da cultura européia. Pois a nossa literatura tem sua formação em bases epistolar, ou seja, uma poesia didática - religiosa, na prosa informativa e na crônica historiográfica contribuindo assim para a pluralidade da nossa literatura.

Assim, podemos considerar que a caracterização literária brasileira é uma fonte de grandes riquezas, que vai aflorar no século XIX, embora ainda esteja se despletando até os dias de atuais. A metamorfose é um processo lento e edificante, embora muitas vezes para se transformar, significa dizer que temos que romper, para que se possa evoluir e nos consolidar. Portanto, a evolução machadiana foi um processo lento, mas formador de um caráter subjetivo, pois sua literatura nos a discussão, quanto a nossa formação cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- BOSI, Alfredo. Machado de Assis: O enigma do olhar. São Paulo, Ed. Ática,1999.
- 2- CAMARA,Mattoso. Machado de Assis e as referências ao leitor: ensaios machadianos, língua e estilos. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.1982
- 3- GONZAGA, Sergius. Curso de Literatura brasileira. Porto Alegre. Leituras XXI: 2004.
- 4- ROMERO, Sílvio. História da Literatura brasileira. Volume 2, Rio de Janeiro. Garnier.1888.
- 5- PICCHIO, Luciana Stetagno. História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro. Nova Aguilar.2004.